

“CONMIHIJOSNOTEMETAS”: O MOVIMENTO ANTIGÊNERO NA EDUCAÇÃO DA AMÉRICA LATINA**“CONMIHIJOSNOTEMETAS”: THE ANTI-GENDER MOVEMENT IN EDUCATION IN LATIN AMERICA**Assis Felipe Menin¹Joana Maria Pedro²**RESUMO**

O texto procura apresentar os ataques na educação na América Latina por parte de fundamentalistas religiosos e políticos quando da discussão nos currículos ao termo gênero e diversidade sexual nas escolas. A partir de uma revisão bibliográfica recente, até 2022, abordamos como a oposição à "ideologia de gênero" na América Latina por parte de grupos conservadores, políticos e religiosos, se transformou em ideologia antigênero e capital político e simbólico, tanto de religiosos quanto de políticos. Destaca-se como as estratégias de disseminação de informações falsas e a mobilização contra políticas relacionadas à igualdade de gênero e à diversidade sexual, transformaram-se em pânico moral e sexual. Para compreendermos esse movimento antigênero, nos utilizamos de uma metodologia multissituada com fontes diversas e encontradas, sobretudo em sites de notícias latino-americanos e em páginas da rede social Facebook, onde movimentos antigênero se utilizam do sensacionalismo, e por vezes teorias da conspiração, para causar impactos em seus(suas) leitores(as). O estudo investigou como ocorre esse ataque regionalizado em contexto do sul global, quais são as suas estratégias e qual o reflexo dessas ações na comunidade e para a minorias pertencentes a ela.

Palavras-chave: Antigênero; América Latina; Educação; Pânico Moral.

ABSTRACT

The text presents the attacks on education in Latin America by religious and political fundamentalists when discussing the terms gender and sexual diversity in schools. Based on a recent bibliographic review, up to 2022, we address how the opposition to the "gender ideology" in Latin America by conservative, political and religious groups, has turned into anti-gender ideology and as political and symbolic capital, both for religious and for politicians. It is noted how the strategies of spreading false information and mobilizing against policies related to gender equality and sexual diversity have turned into moral and sexual panic. To understand this anti-gender movement, we used a multi-situated methodology with multi-situated sources, mainly on Latin American news sites and on Facebook social media pages, where anti-gender movements use sensationalism, and sometimes conspiracy theories, to cause impacts on their readers. The study investigated how this regionalized attack occurs in the context of the global south, what are its strategies, and what is the impact of these actions on the community and the community and its minority members.

¹Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. a.f.menin@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7500-866X>

²Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. joanamar.pedro@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5690-4859>

Keywords: Anti-gender; Latin America; Education; Moral panic.

INTRODUÇÃO

Em 2022, após deixar o partido espanhol Vox, de extrema direita, a deputada Macarena Olona mencionou em entrevista que continuaria a servir ao povo espanhol, mas dessa vez participando da fundação de uma instituição para a união ibero-americana, no desejo de “unir la hispanidad en una sola voz contra la ideología de género”.³ O think tank, Fundación Igualdad Iberoamericana,⁴ com sede no Panamá, tem como visão “a igualdade de gênero, a defesa da família, da vida, da liberdade e a igualdade entre homem e mulher”⁵. Mas seu principal objetivo é combater a “doutrinação nas escolas” e a “ideologia de gênero”. A palavra gênero é utilizada tanto no sentido positivo quanto no sentido negativo, ao que Güemes (2023), aponta como uma ressignificação, sobretudo, de mulheres da extrema direita aos embates contra o gênero.

Embora haja essa ressignificação atual, é preciso atentar que o sentido político e religioso do movimento antigênero, desde seu nascimento, está calcado no tradicionalismo fundamentalista. O sentido de tradicionalismo utilizado aqui é mais preciso, envolvendo uma filosofia teológica, de vertente cristã, em contraposição ao sentido de tradicionalismo mais amplo, dentro do campo sociológico e antropológico, por exemplo. Sedgwick (2019) aponta que o tradicionalismo, além de outros movimentos, percebia a ascensão do fascismo⁶ como uma forma de revolta ao “mundo moderno”. Em alguns círculos, esse tradicionalismo está envolto em ocultismo e teorias da conspiração.

³ Notícia disponível em: https://www.infolibre.es/politica/olona-dice-constituido-nueva-fundacion-paraiso-fiscal-panama_1_1356105.html. Acesso em 15 de out. de 2023.

⁴ O site da instituição pode ser acessado no seguinte endereço: <https://fundacionigualdadiberoamericana.com/sedes-y-paises/>. Acesso em 15 de out. de 2023.

⁵ *Idem*.

⁶ Para algumas lideranças que seguiam uma visão mais ocultista e teológica do fascismo, como Julius Evola, que não era propriamente fascista, mas tinha seguidores dentro do partido, o problema desses países [Itália e Alemanha] não era da “raça”, mas sim do “espiritual”.

Envolto em teorias da conspiração, estava o sentido de gênero pensado por setores mais conservadores do Vaticano, quando da IV Conferência da Mulher em Pequim na China, em 1995. Foi criado um esforço, por parte desses religiosos, para que se lançasse luz sobre o significado lexical da palavra que estava sendo usada nos documentos e que ela permanecesse definida a partir da ordem tradicional hierárquica católica da sexualidade humana. Qual seja, o sentido de complementaridade da mulher para com o homem e a sexualidade ideal como sendo a heterossexual. A partir desse evento, a campanha antigênero não arrefeceu, ganhando movimento em toda a Europa.

Mas é na América Latina que esse movimento terá contornos únicos com a união de políticos, religiosos e personagens que estão no meio de campo dessa batalha. O artigo aqui apresentado, é uma parte da pesquisa de doutoramento na Universidade Federal de Santa Catarina, tendo como objetivo entender como a ascensão e a influência de uma direita radicalizada, com características neoliberais e neoconservadoras, em nível global, impactou as discussões de gênero e de diferença sexual nas escolas de Santa Catarina.

Para essa pesquisa utilizamos da metodologia da pesquisa multissituada e global (CONRAD, 2014, MARCUS, 1995), nos permitindo considerar as diferenças não apenas em diversos espaços, mas as similaridades nos ataques, censuras, perseguições e teorias conspiracionistas. Ao optar pela história global/*glocal* e por uma pesquisa com fontes multissituadas, tanto a nível global quanto local, procura-se abrir o leque de análise tanto espacial como temporal.

A AMÉRICA LATINA COMO UM LOCUS IDEAL PARA O MOVIMENTO ANTIGÊNERO

O ‘furacão’ causado pela “ideologia de gênero” chegou na América Latina no final da década de 90 e início do século XXI, período em que a assim chamada “maré rosa” enchia de esperança movimentos sociais e ativistas pelas minorias; mulheres, negros, indígenas e sexualidades dissidentes, ao mesmo tempo que provocava pavor aos antecessores

neoliberais. A chamada maré rosa foi o período em que as esquerdas⁷ estiveram no poder na América Latina e que ocasionou mudanças de posição socialista nas políticas públicas, em que foram aprovados referendos nacionais, políticas públicas para grupos historicamente privados de acesso aos direitos.

Como pontuam Friedman e Tabbush (2020), a “onda” da maré rosa modificou a realidade e a vida das mulheres e de sexualidades dissidentes da região, trazendo pautas caras a esses grupos e os inserindo no debate político. Assuntos como o debate em torno das violências sofridas pelas mulheres, os direitos sexuais e reprodutivos, os direitos de igualdade e reconhecimento e os direitos das sexualidades não hegemônicas, passam a ser mais frequentemente assuntos políticos. O espaço conquistado desses grupos “minoritários” no espaço público e nas políticas públicas reacendeu velhos dispositivos de alerta na sociedade heteronormativa e patriarcal latino-americana.⁸

Seguindo na mesma esteira, Campana e Miskolci (2017) apontam que governos de esquerda na América Latina tornaram-se o “bode expiatório”, e em boa parte culpabilizados pela “ideologia de gênero” e pela perda de certos valores nacionais. Aliado ao nacionalismo

⁷ Políticas públicas envolvendo gênero e sexualidade passam a ser acionadas em diversos países latino-americanos em governo de esquerda, sobretudo no início deste século, alguns exemplos:

No Brasil, 2003-2010, Luís Inácio Lula da Silva incorpora leis sobre relações étnico-raciais, a igualdade de gênero e o combate à homofobia, este último intitulado “Escola sem homofobia”. Na Bolívia em 2010, Evo Morales, “Uma das maneiras para combater esse colonialismo devia dar-se por meio do plano de educação, acabando com o ensino de religião (católica) nas escolas públicas e privadas”. Em meados de 2010, Cristina Kirchner na Argentina, inicia a discussão para a aprovação de uma lei que permitiria a casais do mesmo sexo se casarem. Recebeu uma forte crítica do então cardeal Jorge Bergoglio. No ano de 2012, o governo de Hugo Chávez, na Venezuela, incluiu liberdade de culto na constituição e expandiu a participação de grupos não católicos nas escolas. Na Colômbia em 2016, criou-se um Plebiscito que visava referendar o acordo com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), o que faz com que a direita crie uma narrativa de ditadura da esquerda e a iminente inserção da “ideologia de Gênero” nos currículos escolares. No México de 2016, conservadores organizaram uma marcha pela família contra a aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo enquanto, também criavam uma narrativa anti-esquerda.

⁸ Os direitos conquistados em governos de esquerda por grupos historicamente marginalizados na América Latina não podem ser vistos como de todo progressista. Como pontuam Friedman e Tabbush (2020), assuntos que envolvem direitos sexuais e sexualidades tiveram resistência por parte de alguns grupos progressistas, assim como alguns partidos e grupos de direita pautaram políticas reconhecidas como sendo historicamente de partidos progressistas.

patriarcal e o conservadorismo religioso da América Latina, a narrativa da “ideologia de gênero” entra na América Latina em um discurso durante a *V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe* (CELAM).

Esses governos com ideias e projetos progressistas da América Latina, como demonstram os relatórios organizados por Corrêa e Parker (2020), viram suas leis e políticas sendo atacadas. Leis e projetos de lei sobre Educação Sexual nas escolas, contra o *bullying* e a homofobia na educação, passaram a ser questionados, e deu-se, também, a suspensão de cartilhas que abordassem gênero ou sexualidade, por pressão de opositores conservadores e por uma parcela da população. As estratégias de divulgação e mobilização da assim denominada “Ideologia de Gênero”, seja através das *Fake News*, seja através das manifestações públicas nas ruas, nas igrejas ou espaços de lideranças políticas possui elementos transnacionais, com “informações” que por vezes somente mudam de região ou país.

A junção de Escola, Sexualidade e *Fake News* contribuiu para a histeria coletiva, na maioria dos países da América Latina,⁹ muitas dessas “notícias” falsas, financiadas com doações de empresários ou então de políticos vinculados às Igrejas.

Essa histeria esteve e continua presente, sobretudo em religiosos – alguns seguimentos católicos, evangélicos e neopentecostais -, políticos que por vezes também são religiosos, famílias que pertencem a um determinado seguimento religioso, indivíduos que não concordam com as discussões de gênero, do feminismo e das sexualidades dissidentes.

Cascatas de *Fake News* no *WhatsApp*,¹⁰ *Facebook* e *Twitter* na propagação das políticas antigênero, outros atores estiveram contribuindo a partir da pedagogia da liturgia. Evangélicos, neopentecostais e católicos em suas pregações reservam um tempo para pregar

⁹ Sobre o assunto ver a coletânea sobre o ataque ao gênero na América Latina, organizado por Sonia Corrêa e Richard Parker (2020).

¹⁰ Esses disparos em massa de *Fake News* pelo *WhatsApp* e *Facebook* teve, em alguns países, o auxílio de uma empresa de dados de inteligência, sendo o CEO dessa empresa o norte-americano Steve Banon, que foi o responsável, nas redes, pela campanha do presidente americano Donald Trump.

sobre o perigo da “Ideologia de Gênero” nas escolas e conseqüentemente para seus filhos e filhas.

Na Argentina, como demonstram Campana (2020) e Vaggione (2017, 2020), o diálogo com católicos e conservadores europeus e as influências das mobilizações antigênero naquele país foram fundamentais para o ataque ao gênero e às sexualidades dissidentes por atores semelhantes dos países do velho continente europeu. As palestras e mobilizações católicas contra o gênero e a favor de uma família “natural”, leia-se heterossexual, começam a se tornar frequentes nos encontros religiosos, sejam encontros para os próprios líderes católicos, seja encontros para os leigos e suas famílias.

Entre a primeira década deste século e a segunda, surgiram três personagens conservadores muito importantes na Argentina na difusão da “ideologia de gênero”, Jorge Scala, Augustín Lage e Nicolás Márquez. O primeiro escreveu um livro intitulado “*Ideología del Género: El neototalitarismo y la muerte dela familia*”, livro que foi traduzido para o português¹¹ em 2011 e teve uma difusão grande entre conservadores no Brasil. Os dois últimos publicaram em conjunto o livro intitulado “*El libro negro de la nueva izquierda: Ideología del género o subversión cultural*”.

Sem espaço, até então, nos grandes círculos científicos e acadêmicos, os autores se utilizam de ferramentas de fácil acesso por todos para divulgar suas ideias: o *Youtube* e *Facebook*. Os debates de Augustín Lage chegaram com força no Brasil em 2014, momento de união do *Movimento Escola Sem Partido* e do *Movimento contra “ideologia de gênero” nas escolas*, seus vídeos divulgados pelo MBL (Movimento Brasil Livre) chegaram no interior

¹¹ Livro publicado e traduzido no Brasil em 2011 pela Editora Kathechesis, instituição que possui publicações conservadoras e que está vinculada ao Instituto Sophia Perennis. Tanto a editora quanto a instituição publicam livros e promovem palestras, respectivamente, de ordem conservadora, com teorias conspiracionistas, do globalismo, “marxismo cultural”, guerra cultural e cultura da morte, entre outros temas.

de Santa Catarina, na escola em que o autor desta pesquisa lecionava em 2018, por meio do grupo de *whatsApp* dos docentes.¹²

Assim como em países europeus e na América Latina, grupos conservadores de católicos e evangélicos, bem como de políticos representando esses conservadorismos, criaram suas próprias estratégias de divulgação dos “perigos” do gênero e da “ideologia de gênero” para as famílias, através de mídias alternativas como *Facebook*, *Twitter* e *WhatsApp*.

Na Argentina, em 2018, diversos manifestantes saíram às ruas contra a “Ideologia de Gênero” nas escolas, sobretudo nas grandes cidades, através de representantes conservadores e políticos. Um dos organizadores deu a seguinte informação sobre a manifestação: “Debemos salir a defender a nuestros hijos de los avances de esta ideología antinatural y totalitaria”.¹³ A ideia de totalitarismo, muitas vezes associado à esquerda, é difundida nesses círculos neoconservadores.

Jorge Scala (2010), docente universitário de bioética, que escreveu o livro citado sobre “ideologia de Gênero”, compara “essa ideologia” com o stalinismo. O livro de Augustin Lage e Nicolás Márquez argumenta que a “ideologia de gênero” é uma invenção do “postmarxismo”.¹⁴ Ambos os livros possuem elementos de machismo, misoginia, sexismo e homofobia, que se ancoram em uma moral cristã patriarcal. Uma das reivindicações presentes nas manifestações que ocorreram em diferentes regiões da Argentina é que os pais deveriam tratar dessas questões, e não a escola, apoiados e incentivados por religiosos católicos.

¹² Vídeo divulgado por docentes contra a “ideologia de gênero” uma semana antes do pleito eleitoral em uma escola do interior catarinense. No vídeo, Augustin Lage fala contra o gênero. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?ref=search&v=693035564395834&external_log_id=78a862bc-6dd5-4dfd-a1ad-a3f2be3237b3&q=MBL%20IDEOLOGIA%20DE%20GENERO. Acesso em 15 de out. de 2023.

¹³ Disponível em: <https://www.aciprensa.com/noticias/con-mis-hijos-no-te-metas-argentina-marcho-contr-la-ideologia-de-genero-63468>. Acesso em 15 de out. de 2023.

¹⁴ O livro de Márquez e Lage vai argumentar toda a sua oposição ao gênero e as sexualidades dissidentes a partir de uma moral religiosa cristã que é antimarxista, portanto, demoniza a esquerda desde Marx e Engels como os precursores da “Ideologia de gênero”, é uma análise neoliberal na economia e conservador nos costumes e como em diferentes momentos da história procura associar sexualidades dissidentes à pedofilia, provocando *Pânico Moral Sexual*.

Os discursos contrários à “ideologia de gênero” na Argentina estiveram presentes em diversas¹⁵ organizações conservadoras. Essas “notícias” continham conceitos morais e sexuais, abastecidas de *Fake News* e ideias conspiracionistas, como da *Red Federal de Familias*, que alertava o que era verdade e mentira na ONU:

Mentira: Salud sexual y reproductiva. Verdad: Promoción y aplicación de métodos anticonceptivos, impulso de la ideología de género, promoción y uso del aborto.

Mentira: Derecho de niños y adolescentes a la privacidad. Verdad: Promoción y entrega de métodos anticonceptivos y abortivos a niños e adolescentes sin la supervisión y/o autorización de sus padres. ¹⁶(Grifos do original).

Esse conservadorismo na Argentina ganhou uma referência a mais no combate ao gênero e à diversidade sexual nas escolas, sobretudo no ano de 2018, como demonstra Vaggione (2020), quando da candidatura à presidência no Brasil de Jair Bolsonaro (PSL). Este se tornou uma referência aos políticos¹⁷ daquele país contra a “ideologia de gênero”.

Na Colômbia, como demonstra Hernández (2020), diferente de outros países da América Latina, a Educação Sexual nas escolas é obrigatória e faz parte da proposta curricular desde meados dos anos 90. Assim como na Argentina, na Colômbia emergiu uma figura de dentro do meio acadêmico e que foi a responsável por dar o ponta pé inicial contra a recém-lançada “ideologia de gênero” do Vaticano, o advogado e docente Alejandro Ordóñez Maldonado.¹⁸ Maldonado publicou os livros “*Ideología de género: utopía trágica o*

¹⁵ Algumas das organizações e grupos conservadores argentinos que se mobilizaram contra gênero nas escolas: A Alianza Internacional de la Juventud: <https://www.facebook.com/AIJInternacional/>, Marcha Por La Vida Argentina: <https://www.facebook.com/MarchaxlaVidaArgentina/>, Frente Nacional Por La familia Argentina: <https://www.facebook.com/frentenacionalporlafamilia/>. Acesso em 15 de out. de 2023.

¹⁶ Notícia que circulou na página “Red Federal de Familias”, da Argentina, culpabilizando a ONU por “encobrir” a verdade sobre suas reais intenções. <https://www.facebook.com/Red.Federal.de.Familias/photos/729321050507223>. Acesso em 15 de out. de 2023.

¹⁷ Bolsonaro teve apoio de Alfredo Olmedo, político conservador e pró-família. Em outubro de 2018, Olmedo tuitou total apoio a Bolsonaro e contra as discussões de gênero na escola, uma crítica direta a Macri. Disponível em: <https://twitter.com/AlfredoOlmedoOk/status/1074726104311705600>. Acesso em 20 de out. de 2023.

¹⁸As posições extremistas de Maldonado ocorrem no país desde o final dos anos 70, quando junto com integrantes da organização *Tradição, Família e Propriedade*, queimaram livros que, segundo eles, poderiam “perturbar a mente dos jovens”. Entre os livros queimados estavam revistas pornográficas, livros de Marx,

revolución cultural” (2006) e *“El nuevo Derecho, el nuevo orden mundial y la revolución cultural”* (2007). Ambos os livros possuem argumentações muito próximas aos textos dos argentinos Scala, Lage e Márquez: fim da família, totalitarismo de esquerda e estado, marxismo cultural e “ideologia de gênero”, sexualização nas escolas, entre outros.

A Colômbia começou a mobilizar contra o gênero e a discriminação nas escolas em 2015, um ano depois do suicídio do jovem homossexual Sergio Urrego,¹⁹ suicídio motivado pela homofobia sofrida no colégio onde estudava, e que provocou uma comoção nacional e pedidos de revisão dos currículos escolares. A estratégia de grupos políticos e conservadores, na época entre eles o então procurador Alejandro Maldonado, foi o de produzir um material falso, segundo Vigoya (2017) e Hernández (2020), que impulsionou a construção da “Ideologia de Gênero” na Colômbia.

O livro²⁰ foi compartilhado nas redes sociais e mídia conservadora, como sendo material que seria distribuído nas escolas colombianas, entre as imagens no livro possui dois adolescentes na cama. Mesmo sendo desmentido, esteve nos discursos de políticos contrários às mudanças nos currículos escolares. Tal processo que ocorreu na Colômbia com imagens falsas de sexo explícito em manuais escolares é muito próximo ao que ocorreu no Brasil em 2011 e na campanha eleitoral de 2018.

Em contexto colombiano, Hernández (2020) demonstra que católicos e evangélicos neopentecostais, cada um em suas respectivas Igrejas, mas unidos para um “bem maior”, distribuíam folhetos e panfletos alertando sobre os “perigos” da educação sexual e do gênero nas escolas para a família tradicional, bem como para os filhos que seriam “tomados”

Rousseau, exemplares de Gabriel García Márquez. <https://www.semana.com/nacion/articulo/el-triste-aniversario-quema-libros/342756-3/>. Acesso em 15 de out. de 2023.

¹⁹ Sergio Urrego deixou cartas onde relatava as violências homofóbicas que sofreu na escola. <https://www.kienyke.com/colombia/suicidio-de-sergio-urrego-seis-anos-de-lucha>. Acesso em 15 de out. de 2023.

²⁰ O livro é destinado ao público adulto homossexual, mas foi apresentado por grupos conservadores colombianos como sendo material didático. Disponível em:

https://www.amazon.com.br/gp/product/3861879735/ref=x_gr_w_bb_sout?ie=UTF8&tag=x_gr_w_bb_br-20&linkCode=ur2&camp=1789&creative=9325. Acesso em 15 de out. 2023.

pelo estado. Em 2016 algumas mobilizações e passeatas foram realizadas nas ruas de Bogotá, e assim como na Europa e países da América Latina, com a participação de políticos e artistas, empunhando cartazes onde pediam a renúncia da Ministra da Educação, Gina Parody,²¹ que acusavam de fazer “lobby gay”. Tais cartazes possuíam também elementos de julgamento religioso cristão e seus dispositivos do confessar, alguns manifestantes protestavam contra os manuais escolares e exigiam a bíblia na escola.²² Um desses cartazes tinha a seguinte frase: “Díos lo creo: Varón y hembra los creo. Génesis, 1:27”.²³ Partindo de Foucault (1988) e o sexo como *dispositivo* da sexualidade, e de Louro (2014) e a educação como uma reprodução do gênero em sua “produção” hegemônica, as mobilizações expuseram a binaridade cisheterossexual e de gênero imaginada.

As mobilizações na Colômbia contra o aborto, “ideologia de gênero”, “sexualização das crianças”,²⁴ aliado às maciças campanhas de Fake News no WhatsApp e Facebook, tanto por católicos quanto por evangélicos, contribuíram significativamente para o Não no plebiscito de 2016 que já havia aprovado o acordo entre o governo e as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), (HERNÁNDEZ, 2020). Para conservadores o acordo seria um meio de impor a “ideologia de gênero” nas escolas, assim era importante negar a

²¹ Os ataques à Ministra da Educação, Gina Parody, se devem a dois fatores. O primeiro por ser mulher e historicamente mulheres progressistas na América Latina foram atacadas em seus governos, são exemplos, Dilma Rousseff, Cristina Kirchner, Michele Bachelet. O segundo é que na época em que Parody coordenava o Ministério da Educação Colombiano, estava envolvida com outra mulher, portanto, um ataque à sua sexualidade e esses ataques foram “justificados” sob a alegação que Parody havia sido abusada na infância e que sua mãe a criou “libertina” e “desavergonhada”, logo, queria isso para todas as crianças. Sobre esse assunto, ver Camila Esguerras Muelle (2017).

²² Manifestações na Colômbia. <https://www.las2orillas.co/175389/>. Acesso em 15 de out. de 2023.

²³ Disponível em:

https://twitter.com/NacionalEH/status/763463711398957056?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweteembed%7Ctwterm%5E763463711398957056%7Ctwgr%5E%7Ctwcon%5Es1_%ref_url=https%3A%2F%2Fwww.elheraldo.co%2Fnacional%2Funas-3000-personas-protestaron-frente-mineducacion-contra-la-ideologia-de-genero-277515. Acesso em 15 de out. de 2023.

²⁴ As marchas contra as cartilhas escolares envolvendo gênero e sexualidade rondam desde 2016 e continuam em grupos conservadores, um exemplo é do *Movimiento de Católicos Solidaridad*, disponível em: <https://m.facebook.com/movimientodecatolicosSolidaridad/photos/1862591583836635>. Ideia de que as FARC tomariam as crianças caso o plebiscito vencesse:

<https://www.facebook.com/watch/?v=468326983802860>. Acesso em 15 de out. de 2023.

paz daquilo que seria a imposição de uma ideologia totalitária que imporá uma minoria sobre uma maioria (MUELLE, 2017).

No Paraguai, país com a maior taxa de católicos entre os países da América Latina, cerca de 88%,²⁵ e governado historicamente pelo *Partido Colorado*,²⁶ conservador e de direita, as ações de um partido de esquerda provocaram reações contrárias. As atuações do governo de centro-esquerda Fernando Lugo, sobretudo de inclusão na perspectiva de gênero com o “*Marco Rector Pedagógico para la Educación Integral de la Sexualidad Paraguay*” em 2010, foi diretamente atacado, sendo logo rechaçado por grupos pró-vida. Tais grupos argumentavam que o plano imporá o “fim da família natural”, movimento que foi impulsionado pelo debate do casamento igualitário em seu vizinho Argentina (SZWAKO, 2014).

Como demonstraram Soto e Soto (2020), a partir de 2012 até o ano de 2018, diversos movimentos iniciaram mobilizações contra o casamento igualitário e o aborto e finalizaram com a falácia da “ideologia de gênero” nas escolas. Com o apoio de fundamentalistas religiosos católicos e, também, evangélicos e do *Partido Colorado*,²⁷ mobilizações foram construídas sob visões conspiracionistas, bastante semelhantes na região entre políticos conservadores, da existência de uma suposta “ordem mundial”, com usos de termos “gayzista” e “feminazi”. Tal movimento contribuiu para a eleição do conservador colorado Marío Abdo Benitez em 2018, já que suas ideias iam ao encontro de grupos fundamentalistas

²⁵ Segundo os dados do Latinobarómetro em 2018, organização que analisa dados culturais, políticos e sociais da América Latina, com sua sede no Chile. Disponível em: <https://www.latinobarometro.org/latOnline.jsp>. Acesso em 15 de out. de 2023.

²⁶ Sobre a hegemonia do governo *Colorado* no Paraguai, ver: Bourscheid (2018) e José Szwako (2014). Os trabalhos demonstram como o partido *Colorado* se consolidou através de governos conservadores e alimentado pelo nacionalismo conservador. O trabalho de Szwanko (2014) demonstra que a “ideologia de gênero” construída no Paraguai, foi determinante para a ascensão de um conservadorismo nacionalista e heterossexual e conseqüentemente contribuiu para o retorno do *Partido Colorado* ao poder.

²⁷ O Partido divulgou manifestações, bem como contribuiu para a visão ‘totalitária’ da “ideologia de gênero”, com imagens bastante semelhantes na América-Latina em que acusa a escola de doutrinar para o “Lobby gay”. Disponível em <https://www.anr.org.py/esta-noche-20-la-busqueda-de-la-verdad-la-ideologia-de-genero/>. Acesso em 15 de out. de 2023.

religiosos. O Ministério da Educação paraguaio proibiu a distribuição de materiais escolares, impressos ou digitais, que contivessem o que chamam de “Ideologia de Gênero”.²⁸

No país vizinho Uruguai, diferente do Paraguai, a população é uma das mais secularizadas da América Latina, segundo o Latinobarômetro de 2018, 32% se autointitulava católica, 4% evangélica e 1,3% pentecostal,²⁹ de todo modo, esse secularismo uruguaio não impediu que a “ideologia de gênero” provocasse *pânico moral e sexual*.

As mobilizações conservadoras de entidades religiosas e políticas se consolidaram em 2014, quando o movimento de mulheres lançou um guia didático intitulado “*Educación y Diversidad Sexual*”,³⁰ dedicado a docentes e estudantes das escolas públicas uruguaias. O acesso ao material pelos docentes foi interrompido por pressão de católicos e evangélicos neopentecostais, esses últimos ganharam três inéditas cadeiras na câmara dos deputados e no senado e têm sido os principais opositores das pautas relacionadas a gênero.³¹

Em 2017, alicerçadas em *Fake News*, a “Ideologia de Gênero” ganhou espaço na mídia e mobilizou *pânico moral e sexual* entre conservadores políticos e pais conservadores, e não apenas, jornalistas, que historicamente possuíam uma opinião mais progressista, passaram a rechaçar o que denominaram de “morte à espécie” humana, como demonstram Puyol *et al.*, (2020). Uma das mentiras espalhadas é que: “el lobby gay promueve la zoofilia” (PUYOL *et al.*, 2020, p. 44).

²⁸ Disponível em: <https://www.abc.com.py/nacionales/mec-prohibe-materiales-sobre-ideologia-de-genero-1639373.html> e https://elpais.com/internacional/2017/12/26/america/1514302715_812007.html. Acesso em 15 de out. de 2023.

²⁹ Como demonstra Puyol *et al.*, (2020), a região de Rivera, que faz divisa com o Brasil, é o estado uruguaio que possui a maior concentração de evangélicos e que teve forte influência de evangélicos e neopentecostais brasileiros nos discursos contrários à “ideologia de gênero” naquele país.

³⁰ Disponível em: https://issuu.com/ovejasnegrasy/docs/gu_a_did_ctica_educaci_n_y_diver. Acesso em 15 de out. 2023.

³¹ Deputado Gerardo Amarilla eleito com pautas conservadoras tenta barrar leis e assuntos com pautas sobre gênero e sexualidade na Câmara de Deputados. Disponível em: <https://www.sociedaduru-guaya.org/2018/10/gerardo-amarilla-sobre-ley-trans-impregnada-de-ideologia-de-genero-riesgo-a-la-salud-y-atenta-contrala-familia.html>. Acesso em 15 de out. de 2023.

Os debates em torno dos currículos escolares e as sugestões de mudanças propostas, alinhadas ao governo de esquerda de Tabaré Vázquez, desencadeou diferentes manifestações no país, algumas abertas nas ruas,³² outras em locais privados, como de convocatórias que chamavam os pais para debater os planos de Educação Sexual:

Estamos profundamente en contra de esta “Propuesta para el abordaje de la educación sexual” que plantea implementarse.

Contiene ideología de género.

Sus actividades son inapropiadas y pueden normalizar el contacto entre los niños lo cual podría causar que no distinga cuando alguien se propasa con él.

Viola el derecho de los padres a educar moralmente a sus hijos al decir; como deben vivir su sexualidad e incitar a la promiscuidad y masturbación, entre muchas cosas más³³.

Em muitos casos, essas manifestações tiveram apoio de outras instituições da América Latina, como a “*ConMiHijosNoTeMetas*”,³⁴ presente em diversos países sul-americanos e com apoio da espanhola *CitizenGo*.³⁵ Em muitas dessas manifestações no Uruguai estavam presentes a *performance* de gênero, bem como a representação da família heterossexual, com as cores rosa e azul, *performando* mulheres e homens, respectivamente. A eleição em 2018 de Jair Bolsonaro, político abertamente contrário à inserção das pautas de gênero na educação, provocou festejos entre políticos conservadores uruguaios.³⁶

No Equador, país governado de 2007 a 2017 pelo católico Rafael Correa, do campo da esquerda, por estar em um cargo de grande visibilidade, foi um dos primeiros a atacar o

³² Disponível em: <https://www.sociedaduruguay.org/2017/11/cientos-padres-protestan-la-guia-educacion-sexual-hubo-provocaciones-los-diversos.html>. Acesso em 15 de out. de 2023.

³³ Disponível em: <https://www.sociedaduruguay.org/2017/11/conferencia-gratuita-la-guia-educacion-sexual-la-ideologia-genero.html>. Acesso em 15 de out. de 2023.

³⁴ Essa instituição surgiu no Peru e teve como principal objetivo a oposição da implementação de leis sobre diversidade sexual, temas relacionados ao gênero e à educação sexual nas escolas daquele país. Muito próximo e semelhante, inclusive, nas representações e cores utilizadas nas mobilizações europeia, o *#ConMiHijosNoTeMetas* acredita em uma conspiração global para pôr fim à família heterossexual, e por isso defendem uma educação “sem ideologia de gênero”. O movimento estabeleceu ligações com conservadores de várias regiões da América Latina.

³⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/citizengo/posts/1531311846954947/>. 15 de out. de 2023.

³⁶ Comemoração de políticos uruguaios com a eleição de Bolsonaro. Disponível em: <https://www.elpais.com.uy/informacion/politica/primeras-reacciones-politicas-uruguay-luego-triunfo-bolsonaro-brasil.html>. Acesso em 15 de out. de 2023.

termo *gênero*, como demonstram Viteri (2020) e Cristina Vega (2017). Ao mesmo tempo que ataca a “ideologia de gênero”, consegue aliados nessa pauta vindo de setores mais conservadores da política e da sociedade, fazendo com que mais de 20 instituições apoiem a fala de um governante de esquerda:

La ideología de género no resiste el menor análisis. ¡Es una barbaridad que atenta contra todo! Les respetamos, pero no traten de imponerlo al resto: A los niños hay que dejarlos en paz. Esa ideología es peligrosísima: destruye la base de la sociedad, que es y seguirá siendo la familia natural. Defender la familia, rechazar el aborto... no es de izquierdas ni de derechas. (Rafael Correa, 2014).³⁷

Tanto no governo de Rafael Correa quanto no de seu sucessor Lenín Moreno, as marchas também se fizeram presentes no Equador, como demonstra Viteri (2020), os manifestantes antigênero atacavam o presidente, Lenín Moreno (2017 – 2021), e acusavam-no de impor a “Ideologia de Gênero”, após o presidente ter aprovado no código Orgânico da Saúde, políticas públicas de erradicação da violência de gênero e diversidade sexual, incluindo material didático nas escolas.

Com protestos, grupos conservadores de equatorianos saíram às ruas acusando Moreno de “homossexualizar a los niños, niñas y adolescentes” (VITERI, 2020, p. 36), onde teve apoio do movimento “#ConMiHijosNoTeMetas”. Essas manifestações,³⁸ tanto em 2017 quanto em 2018, foram mais frequentes após a corte equatoriana aprovar uma lei em que aprova a Educação Sexual nas escolas em 2018.

No Chile, em 2016, o livro *100 perguntas sobre sexualidade adolescente* foi distribuído pela Prefeitura Municipal de *Santiago do Chile* às escolas, e recebeu duras críticas da Igreja Católica que disse que o livro promoveria a “Ideologia de Gênero” entre os(as) estudantes e que promoveria a promiscuidade entre jovens: “*un satisfacer necesidades, sin*

³⁷ Disponível em: <https://es.zenit.org/2014/01/04/ecuador-dura-critica-del-presidente-correa-a-la-ideologia-de-genero/>. Acesso em 15 de out. de 2023.

³⁸ Notícia veiculada no jornal conservador brasileiro *Gazeta do Povo*, o que nos ajuda a compreender a divulgação e os destaques na mídia internacional no combate à “ideologia de gênero” na região. Disponível em: <https://www.semprefamilia.com.br/defesa-da-vida/equador-um-milhao-de-pessoas-nas-ruas-contra-o-aborto-e-a-ideologia-de-genero/>. Acesso em 15 de out. de 2023.

la búsqueda de complementariedad y donación”.³⁹ Esses ataques foram intensificados e reforçados, segundo Delgado (2020), quando da chegada do já mencionado “ônibus da liberdade” da instituição conservadora CitizenGo/HazteOír e dos fundamentalistas religiosos que atacavam Michele Bachelet, mais especificamente sua proposta de governo que visava introduzir o tema gênero e educação sexual nas escolas.

O Chile é um dos países que mais utilizam o *whatsApp*, segundo o último levantamento do Latinobarômetro, em 2018, 80% dos chilenos utilizavam essa rede, ficando atrás apenas da Costa Rica. Assim como no Brasil, o uso em cascata de *Fake News* provocou alterações sociais e políticas⁴⁰ no país. Em outubro de 2014, o livro *Nicolás tiene 2 papás*,⁴¹ livro que aborda a diversidade familiar é recomendado às escolas pelo Ministério da Educação chileno, o que causou grande repercussão e *Fake News*⁴² nas redes sociais, *twitter* e *facebook*, e teve forte objeção por setores mais conservadores da Igreja Católica, como a do Padre Javier Astaburuaga:

[...] Se puede acompañar, respetar y acoger a personas homosexuales, pero entendiendo que los actos homosexuales son moralmente ilícitos. Y no se les puede enseñar a los niños violando, asimismo, el derecho preferente de los padres a velar por la educación de sus hijos.⁴³

Essas manifestações contribuíram para que na Câmara de Deputados e no Senado Chileno as pautas sobre educação sexual e diversidade sexual estivessem frequentemente na ordem do dia, sobretudo dos deputados conservadores. O avanço dos deputados evangélicos na política, como aponta Delgado (2020), fizeram com que novas e velhas pautas

³⁹ Disponível em: <https://www.aciprensa.com/noticias/duras-criticas-a-libro-que-promueve-ideologia-de-genero-entre-adolescentes-en-chile-65135>. Acesso em 15 de out. de 2020.

⁴⁰ Disponível em: <https://interferencia.cl/articulos/chilezuela-la-fake-news-que-llevo-pinera-la-moneda>. Acesso em 15 de out. de 2023.

⁴¹ Livro pode ser consultado no link:

<http://humadoc.mdp.edu.ar/sid/Feminismo/Nichols,%20Leslie.%20Nicolas%20tiene%20dos%20pap%23U00e1s.pdf>. Acesso em 15 de out. de 2023.

⁴² Notícia sobre o livro *Nicolás tiene 2 papás* nas escolas chilenas. Disponível em:

https://www.bbc.com/mundo/noticias/2014/10/141024_cultura_cuento_nicolas_homosexual_chile_ch. Acesso em 15 de out. de 2023.

⁴³ Disponível em: <https://www.aciprensa.com/noticias/cuento-gay-nicolas-tiene-dos-papas-pretende-imponer-ideologia-anti-familia-en-chile-70584>. Acesso em 15 de out. de 2023.

do conservadorismo evangélico e neopentecostal entrassem em cena, trazendo riscos aos direitos garantidos e projetando no presidente Piñera a garantia da “ordem” quanto à questão do gênero na educação, por parte de fundamentalistas e conservadores.

No México, país em que, segundo o Latinobarometro,⁴⁴ em 2015, 33% das pessoas entrevistadas eram totalmente contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo, e apenas 11% estavam totalmente de acordo com uniões homoafetivas. Esse resultado pode ser uma amostra das mobilizações de 2016, quando o presidente Enrique Peña Nieto recebeu a comunidade diversa para tratar demandas dessa parcela da população.

Como demonstram Pérez & Aranda (2020), foi a partir desse encontro entre o presidente Peña Nieto e a comunidade diversa sexual mexicana, em 2016, que diversas mobilizações ocorreram. É criada a *Frente Nacional por la Familia*, instituição que defende a “família natural”. Também é nesse período que uma antiga instituição mexicana cristã, a *Unión Nacional de Padres de Familia* (UNPF), vai defender a família e os(as) filhos(as) contra a “ideologia de gênero” nas escolas. Em 2016, período que, na América Latina, a “ideologia de gênero” era um importante *dispositivo* político, foi lançada a Cartilha intitulada *Cartilla de Derechos Sexuales de adolescentes y jóvenes*,⁴⁵ que logo foi empregada nos discursos antigênero nas escolas pela UNPF.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.latinobarometro.org/lat.jsp>. Acesso em 15 de out. de 2023.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.gob.mx/issste/articulos/cartilla-de-derechos-sexuales-de-adolescentes-y-jovenes?idiom=es#:~:text=Estos%20son%20los%20catorce%20derechos,relacionarme%20afectiva%2C%20e%C3%B3tica%20y%20sexualmente>. Acesso em 15 de out. de 2023.

Figura 1 – Exemplo de Publicação veiculada em redes sociais.



Fonte: Imagem disponível no Facebook da Unión Nacional de Padres de Familia (UNPF), de 28 de março de 2017. Conta do Facebook com mais de 11 mil seguidores.⁴⁶

Diversas mobilizações nas ruas ocorreram ainda em 2016, e diversas cidades mexicanas, de grande porte, como Cidade do México, e menores, como Guanajuato, realizaram protestos na tentativa de barrar temas relacionados a diversidades e gênero nos espaços escolares. Tais mobilizações se estenderam até 2019, estimuladas tanto por questões políticas quanto religiosas.⁴⁷ A “ideologia de gênero” no México serviu como *dispositivo* de ponte para além do estritamente educativo, para atuar também contra o casamento homoafetivo, adoção por casais do mesmo sexo, contra o aborto e a favor de uma família “natural”. A aliança de católicos e evangélicos neopentecostais, esses últimos em ascensão na política mexicana, unem-se para um “bem maior”, ou como expõem Pérez & Aranda (2020), num ecumenismo de direita, e lançam suas armas antigênero: os ativismos nas ruas e nas redes sociais, amparados por políticos de direita.

⁴⁶ Disponível em:

<https://www.facebook.com/UNPFmexico/photos/a.204394046359634/1014304565368574/?type=3>.

Acesso em 15 de out. de 2023.

⁴⁷ Manifestações em diversas regiões mexicanas disponível em:

<https://www.facebook.com/UNPFmexico/photos/a.421839357948434/1671097396355951/?type=3>

E em: <https://www.sinembargo.mx/15-09-2019/3645984>. Acesso em 15 de out. de 2023.

Como vimos até o presente momento, o liame de fundamentalismo religioso com as mídias sociais provocaram um *boom de pânico moral sexual* na América Latina. Para encerrar essa análise – que se pontua apenas com alguns países e não com todos, – optamos pelo exemplo da Costa Rica.

Costa Rica, segundo o Latinobarômetro de 2018, é o país que mais utiliza redes sociais, nomeadamente o *Facebook* e o *WhatsApp*, sendo 76,6% para o primeiro e 80,3% para o segundo. O *Youtube* também é a plataforma de vídeos mais acessada da América Latina na Costa Rica, 59,2% no total. A inserção de evangélicos no espaço político e o *timing* do empreendimento dos conservadores na esfera tecno-mediatizada (MISKOLCI, 2021) traz consequências nas políticas públicas para as sexualidades dissidentes.

Em 2017, um candidato neopentecostal contrário ao gênero nas escolas foi eleito para a presidência da Câmara de Deputados daquele país.⁴⁸ Naquele momento, a junção de sexualização das crianças, pedofilia e casamento homoafetivo se tornaram pauta na política costarriquense,⁴⁹ essa, como em outros países da região, é a união perfeita para a construção do *pânico moral sexual*. Vale destacar que, segundo o Latinobarômetro, a Costa Rica é um dos países que mais rejeita o casamento homoafetivo.⁵⁰

É nos principais jornais costarriquenses que a “ideologia de gênero” começou a ganhar destaque em meados de 2015, como mostra em sua pesquisa Ramírez (2020), os jornais trouxeram vários “intelectuais” que alertavam sobre os perigos da “ideologia de gênero”, com participações de docentes conservadores(as) do Ministério da Educação da Costa Rica. Foi nesse período que cresceu o movimento “Despierta Costa Rica”,⁵¹ com o lema “*PorLaDefensaDeNuestrosNiños*”, organização contrária à discussão de educação sexual e

⁴⁸ Disponível em: <https://www.nacion.com/revista-dominical/personajes-2017-gonzalo-ramirez-el-pastor/OCAGEHSMVFVEJ6XMVV2EHWI/story/>. Acesso em 15 de out. de 2023.

⁴⁹ Disponível em: <https://www.larepublica.net/noticia/diputados-e-ideologia-de-genero>. Acesso em 15 de out. de 2023.

⁵⁰ Segundo o Latinobarômetro, em 2015 na Costa Rica, apenas pouco mais que 26% da população aceitava o casamento entre pessoas do mesmo sexo, o restante estava em desacordo.

⁵¹ *Facebook* do movimento “*Despierta Costa Rica*”, disponível em: <https://www.facebook.com/pg/DCRcivil/photos/>. Acesso em 15 de out. de 2023.

gênero nas escolas. Uma das ações dessa organização foi divulgar em suas redes um modelo de carta⁵² em que os pais deveriam assinar, proibindo que seus filhos tivessem educação com enfoque de gênero, deixando claro que essa seria uma função dos pais, recurso judicial utilizado por religiosos. Rovira (2020) demonstra que as ideias conspiracionistas retomam outros *estratos do tempo* para “justificar” os perigos da “ideologia de gênero”, como, por exemplo, que os *hippies* como figuras ambíguas sem distinção de gênero ou sexo tinham a “função” de neutralizar o gênero.

Essa manipulação religiosa e conservadora em torno do conceito de gênero teve uma carga moral significativa na campanha eleitoral na Costa Rica para presidência. Laura Chinchilla (2010 – 2014), de esquerda e a primeira mulher a vencer uma eleição na Costa Rica, teve de escrever uma espécie de carta (RAMÍREZ, 2020), em que se comprometia a não pautar assuntos referentes ao casamento igualitário, aos direitos sexuais e reprodutivos – entre eles o aborto – e a educação sexual nas escolas. O “Bloco Cristão” (CARTER, 2019), formado por evangélicos pentecostais e neopentecostais, bem como católicos passaram a influenciar diretamente a política costarricense.

A política evangélica⁵³ do “IrmãoVotaemIrmão” (CARTER, 2019) e o exemplo de políticos evangélicos na região, sobretudo, Venezuela e Brasil (BARRERA-RIVERA, 2019), estiveram presentes nos debates políticos desses candidatos e nas redes sociais, em que a educação sexual e a perspectiva de gênero eram destaques. Fabricio Alvarado, evangélico e candidato à presidência, prometeu que seu primeiro decreto, caso fosse eleito, seria eliminar “todo indício de ideologia de gênero na educação”⁵⁴. Em 2018, havia, no tribunal costarricense, seis processos judiciais contra o *Programas de Educação para a Afetividade*

⁵² Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/DCRcivil/photos/>. Acesso em 15 de out. de 2023.

⁵³ “Ideología de género: centro de la campaña electoral”. Disponível em: <https://www.elmundo.cr/costa-rica/ideologia-genero-centro-la-campana-electoral/>. Acesso em 15 de out. de 2023.

⁵⁴ Disponível em: https://elpais.com/internacional/2018/02/21/america/1519167635_779474.html. E: <https://www.crhoy.com/nacionales/fabricio-alvarado-eliminaremos-la-ideologia-de-genero/>. Acesso em 15 de out. de 2023.

e *Sexualidade Integral*, alegando que o programa incitava “a pornografia e a perversão”.⁵⁵ Os pedidos foram negados pelo sistema de justiça costarricense.

No Peru, região responsável pela campanha “ConMiHijosNoTeMetas”,⁵⁶ o uso de redes sociais para criar pânicos morais sobre educação e gênero, mobilizou diferentes atores desse país,⁵⁷ como políticos e juristas (GALLEGO; ROMERO, 2019). A mobilização desses diferentes personagens, com ajuda de *fake News*,⁵⁸ o envolvimento evangélico na política do país, adentrando esse espaço de forma eleitoral e participativa, junto aos protestos nas ruas,⁵⁹ fez com que o Ministério da Educação retirasse a perspectiva de gênero e diversidade sexual dos currículos escolares daquele país. Os organizadores da campanha “ConMiHijosNoTeMetas”, após a sua vitória em outubro de 2018, estiveram em contato com a Frente Parlamentar Evangélica brasileira, para estabelecer uma relação com o recém-eleito presidente.⁶⁰

No Brasil, assim, como na América Latina, foram criados *lobbies* religiosos, com diversas frentes desses políticos religiosos e com investidas no processo de judicialização da

⁵⁵ A moralização religiosa neoconservadora através da educação. Notícia disponível em: <https://www.larepublica.net/noticia/seis-amparos-han-tratado-de-frenar-programas-de-sexualidad>. Acesso em 15 de out. de 2023.

⁵⁶ O movimento influenciou diferentes países da região a partir de 2016, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Panamá entre outros, quase que somente pelo ativismo na internet por meio dos aplicativos *Twitter* e *Facebook* e da plataforma de vídeos *youtube* e do aplicativo de mensagens *WhatsApp*. As *hashtags* compartilhadas por políticos conservadores eram muito parecidas: “ConMiHijosNoTeMetas” ou “NoTeMetasConMiHijos” ou ainda “LosMiHijosLosEducoYo”. Sobre o assunto, ver: <https://ojo-publico.com/1092/movimiento-latinoamericano-detras-de-campana-con-mis-hijos-no-te-metas-tendra-cumbre-en-peru>. Acesso 15 de out. de 2023.

⁵⁷ O Movimento “Padres En Acción Perú” foi um dos mais atuantes no engajamento político e judiciário contra a perspectiva de gênero e diferença sexual nas escolas peruanas. Disponível em: https://es-la.facebook.com/pg/Padresaccionpe/photos/?ref=page_internal. Acesso em 15 de out. de 2023.

⁵⁸ Fake News divulgadas por políticos peruanos, disponível em: <https://www.idl-reporteros.pe/version-de-lopez-aliaga-acerca-de-que-hay-cartillas-educativas-para-homosexualizar-a-ninos-es-falsa/>. Acesso em 15 de out. de 2023.

⁵⁹ Manifestações nas ruas de cidades peruanas, disponível em: <https://www.expreso.com.pe/politica/con-mis-hijos-no-te-metas-miles-salen-a-las-calles-contra-ideologia-de-genero-fotos/>. Acesso em 15 de out. de 2023.

⁶⁰ Notícia disponível em: [‘Não se meta com meus filhos’: movimento contra políticas de gênero na América Latina corteja Bolsonaro | Internacional | EL PAÍS Brasil \(elpais.com\)](#). Acesso em 15 de out. de 2023.

moralidade (VAGGIONE, 2020). Entre essas frentes na política institucional e não institucional, está a Frente Parlamentar Evangélica⁶¹ e a Frente Parlamentar Mista Católica Apostólica Romana, criada recentemente,⁶² na Câmara dos Deputados. O objetivo é criar alianças para o combate de um bem maior.⁶³ A política tem vivido da fé na América Latina, e no Brasil mais especificamente, onde segundo Prado e Corrêa (2022) o movimento antigênero tem sido um dos mais intensos do mundo.

O MOVIMENTO ANTIGÊNERO NO BRASIL

Um componente das teorias conspiratórias importante na ação contra o gênero nas escolas, não apenas no Brasil, mas na América Latina, é estar sendo proposto por governantes de esquerda e/ou com viés progressista, esses são o “bode expiatório” ideal para a consolidação das teorias conspiratórias “doutrinadoras”. Miskolci e Campana (2017) afirmam que o governo de mulheres e homens de esquerda na América Latina — Argentina, Brasil, Chile, Venezuela, Bolívia, Costa Rica e Equador — provocou uma cruzada contra a “ideologia de gênero”, primeiramente por parte de religiosos e religiosas de distintas religiões que se uniram e, por fim, pelos políticos.

O anticomunismo, que parecia coisa do passado no Brasil, voltou no século XXI e ganhou nova roupagem, incluindo a perseguição ao gênero e aos direitos sexuais e reprodutivos. A “ideologia de gênero”, para os seus propagadores, não passa de uma “invenção da esquerda” e dos últimos estágios do “marxismo cultural”. Miskolci (2018) afirma que a eleição de um papa sul-americano pode ser lida com um deslocamento

⁶¹ Vale destacar que a Frente Parlamentar Evangélica elegeu 199 Deputados(as) e 7 senadores e 1 senadora para a legislatura 2019-2022.

⁶² Ao solicitar o registro da Frente Católica, os deputados católicos argumentam que a sua criação é “[...] para que não se rasgue a Lei de Deus”. (Fonte: Requerimento REQ1492/2019).

⁶³ Juntos, os(as) deputados(as) cristãos dessas duas frentes somam 311. Em entrevista para o jornal *Estado de Minas*, o deputado Francisco Júnior (PSD-GO) afirma sobre a união das duas frentes: “*Ainda não existe uma sintonia tão grande, mas eu quero que ela exista. A maioria dos valores que defendemos são cristãos, não são propriedade nem do católico e nem do evangélico*”. Entrevista completa disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/01/28/interna_politica,1117561/parlamentares-catolicos-planejam-frente-conjunta-com-evangelicos.shtml. Acesso em 15 de out. de 2023.

geopolítico e de neocolonização, que toma forma a partir do sul global. Conforme Vigoya (2017), a “colonização ideológica”, que seria promovida pela “ideologia de gênero”, tomou o planejamento da educação com a finalidade de compor uma sociedade neutra, perene, igual e descomprometida com as diferenças.

A utilização do termo “colonização ideológica” teve forte influência e publicização de setores conservadores das igrejas Evangélicas Pentecostais e Neopentecostais, bem como da Igreja Católica, essa última mobilizando os fiéis políticos para que se “manifestem” na câmara contrários à inclusão do gênero e da diversidade sexual nas escolas (ROSADO-NUNES, 2015).⁶⁴

Além dessa mobilização nacional do movimento contra “ideologia de gênero” nos currículos e nas escolas, esteve presente no Brasil uma agenda internacional de *Fake News* – impulsionada por teorias conspiracionistas contra órgãos como a ONU e a OEA. Essas ligações ocorrem entre políticos e religiosos⁶⁵ de diferentes países no combate ao gênero, geralmente são grupos pró-família, que são contrários ao aborto e outras formas de constituição familiar que não a reprodutiva e heterossexual, uma das características desse neoconservadorismo (BIROLI, MACHADO & VAGGIONE, 2020).

Uma dessas redes pró-família é a *Political Network Values* (Rede Política de Valores), instituição que possui políticos de várias partes do mundo e que procuram, a partir de benefícios em comum, a valorização “da vida humana, o matrimônio, a família, a liberdade religiosa e de consciência”.⁶⁶ Esses(as) neoconservadores(as) são aqueles(as) da assim

⁶⁴ Em 18 de junho 2015, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) publicou um artigo em que afirma: “a introdução dessa ideologia na prática pedagógica das escolas trará consequências desastrosas para a vida das crianças e das famílias”. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/cnbb-divulga-nota-sobre-a-inclusao-da-ideologia-de-genero-nos-planos-de-educacao/>. Acesso em 15 de out. de 2023.

⁶⁵ Por vezes as construções negativas do gênero são propagadas por políticos, às vezes por religiosos e com frequência, por políticos ligados à alguma igreja. Isso é frequente em toda América Latina.

⁶⁶ Também é característico dessa organização o oferecimento de cursos e webinários para debater o perigo da esquerda, a “ideologia de gênero” e teorias da conspiração. O site pode ser acessado no link: <https://politicalnetworkforvalues.org/que-hacemos/webinar/>. Acesso em 15 de out. de 2023.

chamada *Teologia da Prosperidade*, que pensam o estado como um importante meio para recristianizar fiéis.

Para impulsionar ainda mais esse pânico moral sexual, buscaram demonstrar o perigo da corrupção das crianças e da sua pureza (RUBIN, 2017 [1984]), associando à esquerda doutrinação, corrupção, atentado à moral e à ética.

Dentro do contexto dessas hiperbólicas “notícias” fractais, irrompe a irrealdade, a ansiedade sexual, a vitimização – no caso de cristãos e heterossexuais que se dizem perseguidos -, o heteronacionalismo e o medo das sexualidades dissidentes que encontram o dispositivo perfeito nas crianças e na escola para provocar *pânico moral e sexual*. Nessa conjuntura de irrealdade é necessário que pessoas de “bem” defendam as crianças desse perigo. Para além da esquerda, como aquela culpada, outras instituições, pessoas, emissoras etc., estariam por trás dessa “nova ordem mundial”. Uma dessas teorias é que por trás da Companhia *Walt Disney* existiria um grande *lobby* homossexual para incentivar a homossexualidade nas crianças e destruir a família tradicional. Essa teoria foi divulgada em 2017 pelo pastor e deputado Victorio Galli (PSC), que alertava para os personagens infantis, sobretudo o Mickey, que “fazem apologia à homossexualidade”.⁶⁷

Posteriormente, já como Ministra da *Mulher, da Família e dos Direitos Humanos*, a pastora Damares Alves divulgou que a personagem *Elza* do filme *Frozen* do *Walt Disney* seria lésbica e que seria um incentivo à “ideologia de gênero”.⁶⁸ Essa teoria conspiratória é importada. Ela nasce nos Estados Unidos, entre grupos neonazistas cristãos daquele país, e chega ao Brasil através do submundo da *deep web*. Em sua tese de doutorado, intitulada *Observando o ódio: entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane* (2018), a antropóloga Adriana Abreu Magalhães Dias analisa que o grupo neofascista cristão criou

⁶⁷ Notícia disponível em: [Justiça mantém condenação de ex-deputado bolsonarista por relacionar Mickey à homossexualidade | Revista Fórum \(revistaforum.com.br\)](#) Acesso em 15 de out. de 2023.

⁶⁸ Notícia disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/05/13/interna_politica,1053417/damares-diz-que-princesa-elsa-do-filme-frozen-e-lesbica.shtml. Acesso em 15 de out. de 2023.

uma teoria de que o diabo comprou a “Disney em 1984 para fazer filmes que doutrinará crianças pequenas em pecado. Um exemplo disso seria *Frozen*, que existiria apenas para criar gays”, (DIAS, 2018, p. 204).

A Ideologia antigênero na América Latina ganhou ainda mais intensidade e peso com a eleição de Jair Bolsonaro (2019-2022). A agenda pela família do governo brasileiro teve como importante personagem a ex-Ministra Damares, que estabeleceu ligações com neoconservadores de outros países, entre esses a ministra, e atual presidente, da Hungria Katalin Novák.⁶⁹ Novamente o heteronacionalismo de Estado, ou o que Bento (2011) denomina de heteroterrorismo, atuou e atua para promover pânico moral e sexual pelo próprio Estado contra minorias, sobretudo, sexuais.

Além dos grupos de redes sociais (internet) na difusão das políticas antigênero, outros atores estiveram contribuindo a partir da pedagogia da liturgia (offline). Evangélicos, neopentecostais e católicos em suas missas e pregações reservam um tempo para pregar sobre o perigo da “ideologia de gênero” para seus filhos e filhas.

A “natureza” ameaçada dos conservadores com os avanços nas políticas públicas para mulheres e a população das sexualidades dissidentes na América Latina vai desequilibrar este homem médio (BRUM, 2019) no jogo “meritocrático” que, historicamente, esteve desqualificando essa diferença de gênero e sexualidade/s. A (dis)utopia do neoconservadorismo na América Latina é pautado em um passado imaginado, mítico e laudatório, que é preciso reconstruir para o crescimento das nações e “resgate” dos valores morais e religiosos e na defesa das crianças.

ALGUMAS CONCLUSÕES

⁶⁹ Em um encontro com o presidente Jair Bolsonaro, a atual presidente da Hungria disse que ela e o presidente brasileiro “são embaixadores da paz”. Sobre a notícia acessar:

<https://dailynewshungary.com/fr/le-pr%C3%A9sident-hongrois-bolsonaro-et-moi-sommes-des-ambassadeurs-de-la-paix/>. Acesso em 15 de mai. de 2022.

É talvez nesse passado imaginado, que Macarena Olona deposita sua esperança em uma América Latina colonizada e que precisa se manter colonizada. O passado se torna funcional para o presente, seja naquilo que foi, seja em sua utopia ou seja nas tentativas de apresentar esse passado como superior ao presente. A guinada das políticas públicas pró grupos ‘minoritários’, que historicamente estiveram à margem, provocou uma deslegitimação da escola pública por grupos que ‘tradicionalmente’ ocupavam esse espaço da política e dessa história.

Embora esse artigo não dê conta de compreender a totalidade do movimento da ideologia antigênero na América Latina, podemos aferir algumas semelhanças que se deslocam e “viajam” entre esses países. Há, nesses países, uma constante reelaboração de sua identidade nacional, que procura se distanciar de questões relacionadas ao feminismo, às questões de gênero e das sexualidades dissidentes. Argumentado na retórica de igrejas e de políticos/as neoconservadores, mas não apenas, o movimento ideológico antigênero circula nos mais variados seguimentos políticos e ideológicos. A "ecologia" da ideologia antigênero passa, em maior medida, do ultraconservador para até mesmo o mais progressista, do neoliberal ao comunista, da feminista antigênero à mulher da igreja, do ateu ao muçulmano, de círculos mais intelectualizados e da própria academia ao senso comum. É enxergado, portanto, como uma ameaça à liberdade, à “natureza” humana e ambiental⁷⁰, à família, à nação, é um inimigo interno a ser combatido.

E esse espectro do gênero é elaborado em circuitos internacionais com importantes personagens nas lideranças locais. Seus opositores são fortemente identitários e promovem ansiedades sociais e pânico morais que são reelaborados nas redes da internet, a depender da região e do momento em que circula, construindo capital político e simbólico, desaguando nas políticas antigênero. Quanto mais contraditório o movimento antigênero, mais

⁷⁰ A manipulação religiosa se utiliza da crise climática como um “resposta divina das imoralidades” da sociedade atual.

influyente se revela o seu discurso para determinados nichos. Negando a história e a realidade, negam a ciência acreditando no “desaparecimento” desses/as sujeitos/as que buscam combater. Mas não sem a luta dos movimentos sociais.

Como resposta aos ataques a docentes na educação, as primeiras leis aplicadas contra o gênero nas escolas municipais e estaduais brasileiras, ativistas das sexualidades dissidentes e grupos feministas marcaram presença nas casas legislativas, estaduais e municipais. Em abril de 2020, o STF votou por unanimidade pela inconstitucionalidade⁷¹ da lei de “ideologia de gênero” do município de Novo Gama (GO), lei essa de 2015 que foi criada a partir dos embates contra o gênero nos currículos escolares em 2014 e 2015. Ainda no referido mês de abril, o STF considerou inconstitucional a lei nº 7800/2016 do estado de Alagoas que instituía o “Escola Livre”, genérico do movimento “Escola Sem Partido”. Se o “Escola sem Partido” perdeu força, outros movimentos progressistas ganharam espaço como o “Professor Contra o Escola Sem Partido”.⁷²

Em que pese o movimento neoconservador evangélico e católico na América Latina tenham ganhado espaço na política, alinhando-se ao neoliberalismo na unificação de suas agendas antidireitos, a conjuntura tem sido um tanto difícil, não se pode primar pelo derrotismo. É necessário destacar que também movimento sociais e das minorias têm pautado o debate público, seja nas ruas seja nas redes sociotécnicas e até mesmo na imprensa *mainstream*, e por isso e em parte essa reação.

São lutas por direitos e reconhecimento em toda a região que ocorrem de forma orgânica, mas também impulsionadas pela chamada “maré rosa”, que passa a dar atenção a movimentos sociais e minorias, depois dos resultados pouco eficientes da agenda neoliberal

⁷¹ Essa é uma importante conquista legal para que outros municípios, que aprovaram medidas contrárias às temáticas de gêneros na escola, também recorram contra a inconstitucionalidade dessa lei. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/04/stf-forma-maioria-para-declarar-inconstitucional-lei-que-veta-discussao-de-genero-nas-escolas.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa. Acesso em 15 de out. de 2023.

⁷² Site “Professores contra o Escola Sem Partido”. Link: <https://profscontraoesp.org/>. Acesso 15 de out. de 2023.

nesses países. Dentre a já citada “maré rosa”, destacamos o reconhecimento do casamento homoafetivo na Argentina, Uruguai, Brasil e mais recentemente Colômbia. Legalização da mudança de nome social e leis que proíbem a discriminação sexual. Os movimentos feministas latino-americanos, têm se destacado seja nas disputas pelo #Elenão no Brasil ou pela maré verde na Argentina na luta pela descriminalização do aborto. Em alguns países, movimentos das sexualidades dissidentes impediram a circulação do “Ônibus pela Liberdade”, entre outras atuações.

Com essas palavras, não estamos negando os ataques aos Direitos Humanos e a criminalização dos movimentos sociais na América Latina, mas essas organizações e movimentos sociais foram cruciais para a consolidação e garantia da democracia na América Latina, afinal a disputa não terminou.

REFERÊNCIAS

BARRERA-RIVERA, A. El fundamentalismo religioso y los derechos humanos en América Latina. Temas de Nuestra América. **Revista de Estudios Latinoamericanos**, [S.L.], v. 35, n. 65, p. 159-181, 2019.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 549-559, 2011.

BIROLI, F.; MACHADO, M. D. C.; VAGGIONE, J. M. **Gênero, Neoconservadorismo e Democracia: Disputas e Retrocessos nas América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BOURSCHEID, J. I. La ideología colorada: el papel de los intelectuales en la permanencia del liderazgo del bloque hegemónico paraguayo. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, [S.L.], v. 63, n. 232, dic. 2017.

BRUM, E. O homem mediano assume o poder: O que significa transformar o ordinário em “mito” e dar a ele o Governo do país? **El País**, opinião, 04 de jan. de 2019. Não paginado. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/02/opinion/1546450311_448043.html. Acesso em: 15 de out. de 2023.

CAMPANA, M. **Políticas antigênero en América Latina: Argentina**. Rio de Janeiro: Observatorio de Sexualidad y Política (SPW) 2020.

CARTER, C. Entre Dios y el estado: La participación política de los evangélicos costarricenses. In. CARTER, C. **Religión y Política**: Cómo la religión está relacionada con la política en cada uno de los países de América Latina. Bogotá/CO: Misión de Observación Electoral -MOE, 2019.

CONRAD, S. **O que é História global?** Lisboa: Edições 70, 2019.

CORRÊA, S.; PARKER, R. **Políticas Antigênero na América Latina**. Rio de Janeiro: Observatorio de Sexualidad y Política (SPW), 2020.

DIAS, A. A. M. **Observando o ódio: entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane**. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2018.

DELGADO, J. B. **Políticas antigênero en América Latina: Chile**. Rio de Janeiro: Observatorio de Sexualidad y Política (SPW), 2020.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. Vol. 1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRIEDMAN, E.; TABBUSH, C. **Introducción**: Disputas en la marea rosa: una mirada desde el género y la sexualidade.in. FRIEDMAN, E.; TABBUSH, C.; ROSSI, F. Género, sexualidad e izquierdas latinoamericanas: el reclamo de derechos durante la marea rosa. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2020.

GALLEGO, C., ROMERO, M. V. Sistematización del ataque al Currículo Nacional de Educación Básica: Seguimiento a la campaña “con mis hijos no te metas” en el Perú. **Promsex**: Lima/Perú, 2019.

GÜEMES, C. Nuevas derechas y feminismo: de su combate a su resignificación. In. SANAHUJA, J. A.; STEFANONI, P. (org). **Extremas derechas y democracia**: perspectivas ibero-americanas. Madri: Fundación Carolina, 2023, p. 99 – 124.

HERNÁNDEZ, F. G. **Políticas antigênero en América Latina: Colombia**. Rio de Janeiro: Observatorio de Sexualidad y Política (SPW), 2020.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARCUS, G. **Ethnography in/of the world system**: the emergence of multisited ethnography. Annual Review of Anthropology, n. 24, p. 95-117, 1995.

MISKOLCI, R.; CAMPANA, M. **“Ideologia de gênero”**: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. Sociedade e Estado, v. 32, p. 725-748, 2017.

MISKOLCI, R. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, e185302, 2018.

MISKOLCI, R. **Batalhas Morais**: Política Identitária na esfera pública técnico-mediatizada. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MUELLE, C. E. Cómo hacer necropolíticas en casa: Ideología de género y acuerdos de paz en Colombia. Sex., **Salud Soc.** (Rio J.), Rio de Janeiro, n. 27, p. 172-198, Dec. 2017.

PÉREZ, G. C., ARANDA, L. E. **Políticas antigênero en América Latina**: México. Rio de Janeiro: Observatorio de Sexualidad y Política (SPW), 2020.

PRADO, M. A. M.; CORRÊA, S. Ideologia antigênero nas políticas educacionais brasileiras: estatização e transnacionalidade. In LOPES, B., CARREIRA, D. (ORG). **Gênero e educação**: ofensivas reacionárias, resistências democráticas e anúncios pelo direito à educação. [recurso eletrônico] São Paulo: Ação Educativa, 2022.

PUYOL, S. et als. **Políticas antigênero en América Latina: Uruguay**. Rio de Janeiro: Observatorio de Sexualidad y Política (SPW), 2020.

RAMÍREZ, G. A. **Políticas antigênero en América Latina: Costa Rica**. Rio de Janeiro: Observatorio de Sexualidad y Política (SPW), 2020.

ROSADO-NUNES, M. J. F. A “ideologia de gênero” na discussão do PNE. A intervenção da hierarquia católica. **HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v.13, n.39. p. 1237-1260, jul-set, 2015.

ROVIRA, P. S. Los hippies como metáfora de la ambigüedad o del por qué se los responsabiliza por el surgimiento de la “ideología de género” en Costa Rica. **Inter.c.a.mbio**, San José, v. 17, n. 2, p. 130-159, Dec. 2020.

RUBIN, G. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. In: RUBIN, G. **Políticas do sexo**. Trad. de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu, 2017 [1984]. p. 63-128.

SEDGWICK, M. **Contra o mundo moderno: o tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX**. Tradução de Diogo Rosas G. Belo Horizonte–Veneza: Âyiné, 2020.

SCALA, J. **La ideología de género. O el género como herramienta de poder**. Madrid: Sekotia, 2010.

SOTO, C., SOTO, L. **Políticas antigênero en América Latina: Paraguay**. Rio de Janeiro: Observatorio de Sexualidad y Política (SPW), 2020.

SZWAKO, J. O 'mau desempenho' de Lugo: gênero, religião e contramovimento na última destituição presidencial paraguaia. **Opin. Publica**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 132-155, Apr. 2014.

VAGGIONE, J. A Restauração Legal: O neoconservadorismo e o direito na América Latina. In. BIROLI, F.; MACHADO, M. D. C.; VAGGIONE, J. M. **Gênero, Neoconservadorismo e Democracia: Disputas e Retrocessos nas América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2020.

VAGGIONE, J. M. La Iglesia Católica frente a la política sexual: la configuración de una ciudadanía religiosa. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 50, e175002, 2017.

VEGA, C. **¿Quién teme al feminismo? A propósito de la “ideología de género” y otras monstruosidades sexuales en Ecuador y América Latina**. SinPermiso: Espanha, 2017.

VIGOYA, V. M. Intersecciones, periferias y heterotopías en las cartografías de la sexualidad. Sexualidad, Salud y Sociedad - **Revista Latinoamericana**, [S.l.], n. 27, p. 220-241, dic. 2017.

VITERI, M. A. **Políticas antigênero en América Latina: Ecuador**. Rio de Janeiro: Observatorio de Sexualidad y Política (SPW), 2020.